

A experiência do pensamento em *Grande Sertão: Veredas*

Maria do Socorro Gonçalves da Costa
Genildo Ferreira da Silva
Luciano da Silva Façanha

RESUMO

O objetivo do presente texto é destacar a experiência do pensamento no personagem Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, obra do literato Guimarães Rosa, que, ao rememorar suas experiências de jagunço no sertão, reflete sobre a condição humana; Deus e o diabo; os fenômenos da natureza e as manifestações diversas e adversas que envolvem o universo humano, enquanto o homem realiza sua travessia em vida. O recorte sobre o pensar/pensamento que Rosa efetiva por meio do jagunço sertanejo destaca o *espanto*, considerado por Heidegger, a *origem* da filosofia, despertando no personagem o pensar que o faz superar sua mera condição de jagunço para um homem capaz de pensar sobre as coisas que envolvem não só sua vivência no Sertão, mas aquilo que faz parte do universo humano como um todo; aproximando desse modo, a literatura da filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. Literatura. Guimarães Rosa. Homem. Pensamento.

Literatura e filosofia foram sempre campos do conhecimento bastante próximos e complementares; tanto que, às vezes, chegam a confundirem-se de maneira positiva, de modo que um e outro normalmente enriquecem a discussão correlata. Temas de filosofia são claramente tratados pela literatura, e vice-versa, a exemplo da morte, do amor, da existência, da angústia, do pensamento indagativo e reflexivo, de modo que as duas áreas tendem a se enriquecer e fornecer matérias mútuas para a análise de suas possibilidades interpretativas. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é expor a experiência do pensamento em *Grande Sertão: Veredas* (1953), do literato brasileiro João Guimarães Rosa. Experiência manifesta por meio do protagonista do romance, Riobaldo, que, ao rememorar suas aventuras de jagunço sertanejo, reflete sobre a condição do homem na terra, as digressões humanas, Deus e o diabo, os fenômenos da natureza e as manifestações diversas e adversas que envolvem o universo humano enquanto o homem realiza sua travessia em vida.

Ao apresentar o cenário de sua narrativa, João Guimarães Rosa situa o leitor no que ele denomina Sertão, categoria metafísica e também regional:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e Curvelo então o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde o um pode torar dez, quinze léguas sem topar com casa de morador: e onde o criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade [...]. Enfim, cada um o que quer, aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é, questão de opiniões... o sertão está em toda parte (ROSA, 1989, p. 7).

Nesse sentido, o autor faz o *sertão*¹ ultrapassar de mero local geograficamente demarcado para transformá-lo numa categoria espacial bem mais ampla, fazendo-nos pensá-lo ilimitado, adquirindo o seu aspecto metafísico. Quem conduz o leitor no universo do sertão é Riobaldo, personagem central que, através de suas experiências vividas como jagunço, apresenta profundas reflexões sobre os homens, seus modos de ser, pensar e sentir, dos homens mais simples aos de prestígio dentro da narrativa, a exemplo dos chefes de bandos, quando rememora sua vida de jagunço sertanejo no sertão mineiro. Destaca-se o personagem roseano como homem que pensa, pergunta, questiona o mundo, os homens e suas formas de ser, Deus, o diabo e suas manifestações mais superficiais e profundas, em cujo espaço situam-se todas essas manifestações sobre as quais o personagem Riobaldo pensa, analisa e reflete. Então, se o Sertão é o mundo, Riobaldo é o habitante deste mundo, e faz questionamentos na tentativa de compreendê-lo, para apropriar-se dele e ter um certo domínio.

A dimensão do pensar dá-se mediante o exercício de rememoração, isto é, a recordação executado por Riobaldo, através do qual é possível constatarmos a experiência do pensamento pondo em revista fatos de sua vida em meio às batalhas² entre os bandos de jagunços pelo sertão. As muitas perguntas que faz constituem-se como a força do pensamento, que interroga, inquirir, responde e não responde a muitas delas, enquanto está em situações empíricas e psicológicas consigo mesmo. Nesse exercício, o pensar, o ser e o sentir dão sentido à vida e traçam o que no homem é universal, seja num homem sertanejo, conforme demonstra Guimarães Rosa, ou num homem de letras.

Em sua narrativa, Riobaldo apresenta os movimentos que o pensamento dá, e desses movimentos advêm o pensar, corroborando com aquilo que Aristóteles certa vez disse referindo-se aos que criaram os mitos, afirmando que criaram-nos por necessidade de pensar e explicar sua realidade; admitindo, com isso, o homem como um ser de pensamento, não importando o período histórico em que se situe. Assim, também, a experiência do pensamento ocorre a Riobaldo num tempo não situado historicamente e o coloca na categoria deste homem que pensa o comum das coisas e reflete sobre o ambiente em que está inserido, que é o sertão. O mundo, para Riobaldo, é o Sertão. E nesse, apresentam-se as mais variadas formas do ser e de ser tanto da natureza como do homem. É essa perspectiva que o autor nos faz experienciar com a leitura da obra.

1 “A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o mundo” (CANDIDO, 1997, p. 122).

2 Antonio Candido chama a atenção para o fato de os jagunços de Guimarães Rosa se diferirem dos retratados pela literatura nacional anterior, conforme descreve no texto “Jagunços Mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, pois que não é o valentão armado, que agiria isolado, nem o fora-da-lei, que mata sem piedade; menos ainda, o salteador. Antonio Candido descreve-os como “um tipo híbrido entre capanga e homem-de-guerra. O verbo que os personagens empregam para descrever a sua atividade é ‘guerrear’, qualificando-se a si mesmo de ‘guerreiros’” (CANDIDO, 2002, p. 128).

“Daí, sermos levados a dizer que há em Guimarães Rosa um ‘ser jagunço’ como forma de existência, como realização ontológica no mundo do sertão. Sem prejuízo dos demais aspectos, inclusive os rigorosamente documentados, este me parece importante como chave de interpretação. Ele encarna as formas mais plenas da contradição no mundo-sertão e não significa necessariamente deformação, pois este mundo, como vem descrito no livro, traz imanente no bojo, ou difusas na aparência, certas formas de comportamento que são baralhadas e parciais nos outros homens, mas que no jagunço são levadas a termo e se tornam coerentes. O jagunço atualiza, dá vida a essas possibilidades atrofiadas do ser, porque o sertão assim o exige” (CANDIDO, 1995, p. 166).

Em Guimarães Rosa, o ser homem dá-se na medida em que vai existindo enquanto ser vivente, sem uma determinação *a priori*, o que o autor designa como “travessia”. Nessa travessia de ser é que se concretiza a experiência do pensamento, a qual ocorre a Riobaldo a certa altura de sua vida, conforme assim diz: “de primeiro, eu mexia e mexia e pensar não pensava. Não possuía os prazos [...] mas, agora feita a folga que me vem, e sem pequenos desossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto de especular ideias. O diabo existe ou não existe?” (Rosa, 1989, p. 9).

Assim, se instala o jagunço filósofo de Guimarães Rosa, o sertanejo que pensa, aquele que especula ideias, que sai do sertão e volta a ele; o homem que, ao pensar, faz os simples acontecimentos da vida se transformarem em questões filosóficas maiores, equiparando-se, assim, aos grandes pensadores legados à humanidade, como Platão e Heidegger, pois pela literatura pode-se chegar aos mesmos problemas que a filosofia traz, a exemplo das perguntas “o que é o homem?”, “o que é pensar?”. Nessa função de especular ideias é que o personagem de Rosa põe em curso o pensar como exercícios de pensamento sobre o homem e suas possibilidades, a existência de Deus, do diabo e as ocorrências fenomênicas da natureza que se apresentam ao mesmo tempo como fatos da realidade imediata. E aproxima a literatura da filosofia.

Sendo comum a todos os homens, o pensamento, o pensar³, é o que diferencia o homem comum dos demais, por possibilitá-lo ver as coisas para além do comum ou do fenômeno tal qual lhe aparece, isto é, voltar o pensamento para a análise de certas dimensões do real. É isso que faz de Riobaldo um jagunço diferente dos demais jagunços, porque ele pensa sobre a condição humana do sertanejo a partir de seus companheiros e de si, e essas mesmas reflexões podem ser estendidas para a humanidade, uma vez que há em todo lugar muitas possibilidades do homem ser, por exemplo, generoso, forte, valente, bondoso, malvado, corajoso, tendo essas qualidades virtudes e defeitos numa mesma matriz: o homem; e essas qualidades, virtudes e defeitos podem manifestar-se de diversas formas e em determinados momentos, bem como assumirem ambivalências em um mesmo indivíduo.

Dizer “o sertão é o dentro da gente” corresponde à consciência de que o sertão não é apenas o espaço geográfico, pois passa a compreender e dominá-lo, em uma atitude de domínio da coisa mesma, estando em correlação o real e o que é pensado. É pelo pensamento que o sertão se expande, porque é maior do que o espaço ao qual se refere. O pensamento é mais amplo que o sertão, porém, pode apresentar surpresas tanto quanto o sertão: dúvidas, enganos, certezas... expressos pela linguagem.

O espanto, a admiração, ou ainda a descoberta pura, faz Riobaldo passar de simples jagunço que habita um espaço para aquele de homem que admira e compreende esse espaço-mundo-sertão, tornando-o inteligível, pois, segundo Chaves:

3 Pensamento, segundo o *Dicionário de Filosofia*, é: 1) O significado mais amplo do termo, que indica qualquer atividade ou conjunto de atividades espirituais, foi introduzido por Descartes: “Com a palavra ‘pensar’, entendo tudo o que acontece em nós, de tal modo que o percebamos imediatamente por nós mesmos; por isso não só entender, querer e imaginar, mas também sentir é o mesmo que pensar”; 2) No segundo significado, esse termo designa a atividade do intelecto em geral, distinta da sensibilidade, por um lado, e da atividade prática, por outro. Nesse significado Platão emprega, às vezes, a palavra *dianoia*, como quando designa com ela todo o conhecimento intelectivo, que encerra tanto o Pensamento discursivo quanto o intelecto intuitivo, e outras vezes, define o Pensamento em geral como o diálogo da alma consigo mesma. “Quando a alma pensa” — diz ele — “não faz outra coisa senão discutir consigo mesma por meio de perguntas e respostas, afirmações e negações; e quando, mais cedo ou mais tarde, ou então de repente, decide-se, assevera e não duvida mais, dizemos que ela chegou a uma opinião” (Teet., 190 e, 191 a; cf. Sof., 264 e). No mesmo sentido geral, Aristóteles emprega a palavra *dianoia* como quando diz: “Pensável significa aquilo sobre o que existe um Pensamento.” (Met., V. 15, 1021 a 31).

Descobrir e pensar o mundo não são atos simultâneos, embora sempre interligados na ausência de convenções temporais em que se desenvolve o monólogo; este não saber as coisas inicial coloca a personagem em dinamismo de permanente descoberta, que identificamos com a atitude admirativa por excelência. O relato recuperado na memória só é pensável como experiência que vai fazendo, se constrói pouco a pouco, conforme o homem vai descobrindo e pensando o mundo (CHAVES, 1991, p. 447-48).

Com isso, Guimarães Rosa dá força e fôlego ao personagem para fazê-lo falar pela memória narrativa aquilo que o pensamento agrega e transforma mediante um pensar já estruturado, resultando, por isto, nas grandes questões que a experiência lhe proporcionou passar e fazem com que a narrativa aconteça. Atravessar as coisas e se dá conta depois da travessia; é a experiência do pensamento que retoma para refazer o caminho, analisar, sintetizar e transformar numa significação; o resultado é o que é narrado, o dito. Em outras palavras, a experiência de pensamento de Riobaldo é o ato reflexivo da filosofia, o voltar atrás, ver de novo; por isso, muitas coisas ele só se dá conta quando faz esse exercício.

O pensar expresso por Riobaldo se estende, nesse sentido, para o homem e suas possibilidades de ser, para a natureza e seus fenômenos, para o sentimento e suas manifestações muitas vezes contraditórias, para a existência de Deus e do diabo, entre outros. Sobre os homens, faz a seguinte reflexão:

Neste mundo tem maus e bons – todo grau de pessoa. Mas, então, todos são maus. Mas, mais então, todos não serão bons? Ah, para o prazer e para o ser feliz, é que é preciso a gente saber tudo, formar na alma, na consciência; para pensar, não se carece: bicho tem dor, e sofre sem saber mais porque (ROSA, 1989, p. 239).

Ou quando observa seus companheiros, que, num momento de pausa dos combates, cogitavam um ataque em alguma vila, no intuito de não arrefecerem da lida:

Mas, mal acabei de pronunciar, eu despertei em mim um estar de susto, entendi uma dúvida, de arpejo; e o que me picou foi uma cobra briba. Aqueles, ali, eram com efeito os amigos bondosos, se ajudando uns aos outros com sinceridade nos obséquios e arriscadas garantias, mesmo não refugando a sacrifícios para socorros. Mas, no fato, por alguma ordem política, de se dar fogo contra o desamparo de um arraial, de outra gente, gente como nós, com madrinhas e mães – eles achavam questão natural, que podiam ir salientemente cumprir, por obediência saudável e regra de se espreguiçar bem. O horror que me bateu – o senhor me entende? Eu tinha medo do homem humano (ROSA, 1989, p. 311).

Sobre as ocorrências na natureza, observa: “melhor, se arrepare: pois num chão e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?” (Rosa, 1989, p.10). O que está subjacente à questão é o fato de que a natureza pode ser adversa tanto quanto o homem.

Uma das referências mais significativas quanto à natureza é sobre o Liso do Suçuarão, local ermo e intransponível que, à primeira tentativa de passagem, é impraticável, até em pensamento, que o bando, sob o então comando de Zé Bebelo, desiste, de modo que o mesmo local torna-se, mais tarde, transponível e surpreendente em sua forma de ser, de existência e surpresas antes impensáveis. Assim é descrito o local, na primeira tentativa de travessia:

Depois, de arte que o Liso do Suçuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos.(...)

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Suçuarão, é o mais longe pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem, crê que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre (ROSA, 1989, p. 27).

Porém, na segunda travessia do Liso, desta vez sob o comando de Riobaldo, este, já sob efeitos psicológicos elevados, o mesmo local embora igual, apresenta-se diverso daquele da primeira tentativa:

O que era que o *raso* não era tão terrível? Ou foi por graças que achamos todo o carecido, não obstante no ir em rumos incertos, sem mesmo se procurar? De melhor, em bom, sem os maiores notáveis sofrimentos, sem em-errar ponto. O que era, no cujo interior, o Liso do Suçuarão? – era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia. Com tudo que tinha de tudo(...). Ali então tinha de tudo? Afiguro que tinha. Sempre ouvi zum de abelha. O dar de aranhas, formiga, abelhas do mato que indicavam flores. Digo – se achava água (ROSA, 1989, p. 388-89).

Assim, natureza e homem podem apresentar fenômenos e fatos inesperados, ora bons, ora ruins. De modo que no universo humano isso lhe dá crédito por ser de natureza tal que não tem como escapar. Então, para recordar, contar, dizer um mundo que é misturado, pede palavra, pois esta resguarda o espanto, o admirar-se para os quais o pensamento tocado precisa ser expressado, por isso, Riobaldo diz, fala, manifesta e expressa-se; e, mediante o domínio da palavra, domina o mundo, o diz de diversas maneiras o que o mundo é e não e seu vir a ser. Logo, a experiência do pensamento não se fecha, mas projeta aqueles que a experimentam para outros aléns que também só podem se dá ou revelar a partir do nada e da solidão, que mediados pela linguagem, passam a existir.

A análise do perfil de Riobaldo feita por Flávio Loureiro Chaves aponta para este momento do personagem roseano – que se dá conta de um mundo para repensá-lo posteriormente. Nesse sentido, Riobaldo é caracterizado como filósofo, pois repensa sobre aquele universo sertão tomando a si, os outros homens que aparecem na narrativa, a natureza e seus fenômenos que permeiam tal universo. Dar-lhes significados, valores, expressões e existências estáveis, das quais novos significados são abstraídos. Põe sempre afirmações e questões para as quais quase nunca há resposta e que o ato de perguntar já é, em si, filosófico. Assim, diz Chaves:

Por isso ele fala, e, falando, não conta apenas a história de uma guerra sertaneja, mas faz viver tudo o que o rodeia. Riobaldo, protagonista único de *Grande Sertão: Veredas*, encontra a unidade e significação de sua experiência ao reconstruí-la pela palavra (...), a palavra enquanto marca de posse sobre o universo nomeado, e a descoberta da poesia; Riobaldo encontra a palavra, Riobaldo encontra Riobaldo” (CHAVES, 1991, p. 455).

Atos como os de Riobaldo corroboram os argumentos de Heidegger em *O que é isto – a filosofia?*, em que Heidegger refe-se ao *lógos* para explicar a palavra *philosophía*, que seria falar assim como o *lógos* fala, quer dizer, corresponder ao *lógos*; estando, por seu turno, em acordo com o *sophón* definido por Heráclito, cuja expressão significa falar assim como o *lógos* fala. Corresponder e falar são sinônimos para a mesma atribuição, segundo Heidegger; o que ele designa como, “*harmonia*, que se revela na recíproca interação de dois seres, nos laços que os unem originariamente numa disponibilidade de um para o outro” (Heidegger, 1989, p.17). Assim, Riobaldo está para o sertão como o *Logos* está para a fala dele (Riobaldo), sobre o espaço sertão, quando passa a dominar aquilo que constitui o sertão enquanto sertão. Assim, fala, diz o que é e o que não é sertão, coisas, vida e homem. “O sertão está em toda parte”; “O sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar”; “Viver é muito perigo, não é?”; “o diabo existe e não existe?”; “o que é que buriti diz?”; “E,

alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna supremada, muito mais do que dentro, e é só, do que um se pensa: ah, alma absoluta”, entre outras designações.

O modo de pensar e dizer de Riobaldo estão de acordo, também, com o que Emmanuel Carneiro Leão na *Apresentação de Ser e Tempo* diz:

É que as coisas do pensamento são radicalmente simples [...] Estão por toda parte onde se recolhe um modo de ser. Pensador é todo homem. Todos têm gosto pela revelação do mistério no desvelamento do não saber. A arte de pensar é dada por um modo extraordinário de sentir e escutar o silêncio do sentido, nos discursos das realizações (LEÃO, 1988, p.13).

Algo bem perceptivo na narrativa de Rosa, que dá-se de forma gradual, pois Riobaldo começa por pensar sobre as coisas mais simples da natureza, evoluindo dos aspectos físicos para metafísicos da realidade, dos lugares pelos quais passa, das pessoas que tem contato e as reflexões que trava consigo para compreender-se e compreender os fenômenos tais como lhes aparece. É nesse sentido que se diferencia de seus companheiros de batalha. Pensar sobre coisas que os demais não pensam, atrelados apenas em seus processos de existência e dedicação ao trabalho de jagunço. É nesse processo de ultrapassar seus comparsas de lutas e pensar o sertão e suas ocorrências que o personagem é dado como filósofo aos moldes de Platão, Aristóteles e Heidegger, posto que o sertão se torna para ele objeto do pensar e pensamento expresso na memória reflexiva que fala, que diz...

A experiência do pensamento é exatamente a ocorrência do poder dizer a partir de seu referencial de existência aquilo que há. E o que há é o Sertão e tudo o que nele ocorre, como no mundo. De modo que dizer do sertão é como dizer do mundo, do homem e da vida. Tudo ali se estende a todos. Portanto:

Ser-no-mundo é uma estrutura de realização. Por sua dinâmica, o homem está sempre superando o dentro e o fora. Por sua força, tudo se compreende numa conjuntura de referências. Por sua integração, instala-se a identidade e a diferença no ser, quando, teórica ou praticamente, se diz que o homem não é uma coisa simplesmente dada... (LEÃO, 1988, p. 20).

Dessa maneira, o ser é sertão e o homem o recolhe pelo *Lógos*; se o ser for compreendido como o mundo-sertão de Guimarães Rosa e o que nele se passa, Riobaldo é o que pelo *lógos* o acolhe, compreende e o faz falar. O que é o ente sertão enquanto é? Somente ao despertar para saber isso, Riobaldo o domina, e, como diz Heidegger, somente agora o pensamento torna-se filosofia. De tal forma que essa busca por compreender não se fecha, por isso, o filósofo fala em ouvir o apelo do ser, como se uma coisa falasse, mas deixa de fora outras. “Este corresponder se dá de diversas maneiras, dependendo sempre do modo como fala o apelo do ser ou do modo como é ouvido ou não ouvia um tal apelo, ou ainda, do modo como é dito e silenciado o que se ouviu” (Leão, 1988, p. 12).

Com esse procedimento, Heidegger (1989, p. 21 e seguintes), assegura que tanto Platão como Aristóteles chamaram a atenção para o fato de que a filosofia e o filosofar fazem parte de uma dimensão do homem. De modo que o filosofar ocorre a Riobaldo, com marca do início do seu pensar o sertão. *Espanto, páthos, dis-posição*. Enquanto em Heidegger é o que ele designa *dis-posição*, Platão designou *páthos* – o espanto; por considerar ser este a origem imperante na filosofia. Aristóteles, por sua vez, afirmou ser através do *espanto* que os homens chegaram e chegam em todos os tempos ao filosofar. O espanto é, enquanto *páthos*, a *arkhé* da filosofia; aquilo de onde algo surge. Antes, a *arkhé* torna-se aquilo que é expresso pelo verbo *arkheîn*, o que impera (...). O espanto carrega a filosofia e

impera em seu interior. (Heidegger, 1989, 21). Como ocorre em *Grande Sertão: Veredas*, tudo surge do próprio ambiente no qual o personagem está alocado; o *espanto*, o *páthos* acontece a Riobaldo ali mesmo no sertão e transborda para a universalidade.

The experience of thought in *Grande Sertão: Veredas*

ABSTRACT

The purpose of this text is to highlight the experience of thinking in the character Riobaldo in *Grande Sertão: Veredas*, work of the literary Guimarães Rosa, who, when recalling his experiences of jagunço in the backwoods, reflects on the human condition; God and the devil; the phenomena of nature and the various and adverse manifestations that surround the human universe, while the man makes his crossing in life. The clipping about thinking / thinking that Rosa effectually through the sertanejo jagunço highlights the astonishment, considered by Heidegger, the origin of philosophy, arousing in the character the thinking that makes him overcome his mere condition of jagunco for a man capable of thinking about the things that involve not only his experience in the backwoods , but that which is part of the human universe as a whole; approaching the literature of philosophy.

Keywords: Philosophy. Literature. Guimarães Rosa. Men. Thought.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1ª edição. Tradução: Alfredo Bosi. Martins Fontes, 2007.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Perfil de Riobaldo** In: Guimarães Rosa. Coletânea organizada por Eduardo F. Coutinho. Coleção Fortuna Crítica 6, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

CANDIDO, A. **Vários escritos**, 3ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **Tese e antítese**, 4ª Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002.

HAIDEGGER, Martin. **“Que é isto – A Filosofia?”** Tradução e notas: Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).

_____. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER. **Ser e Tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988.

ROSA, João G. **Grande Sertão: Veredas**. 4ª. Ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

RUSS, Jacqueline. **Filosofia: os autores, as obras**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MINIBIOGRAFIA

Genildo Ferreira da Silva

PhD em Filosofia pela Université Paris X – Paris/França, Doutor e Mestre em Filosofia pela UNICAMP. É professor Associado 3 do Departamento de Filosofia e Professor Permanente do Programa de Doutorado e Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. É membro associado da Société internationale d'étude du XVIII siècle e Société Jean-Jacques Rousseau. É líder do Grupo de Pesquisa Center for the Study of Dewey and Pragmatism/UFBA.

Luciano da Silva Façanha

Luciano da Silva Façanha Pós-Doutorado em Filosofia pela PUC/SP. Doutor e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente atua na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como professor no Departamento de Filosofia (DEFIL) e no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (PPGCult).

Maria do Socorro Gonçalves da Costa

Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia –UFBA. Mestra em Cultura e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PGCULT-UFMA. Professora Assistente B, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus VII; membro pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau – GEPI Rousseau – UFMA.